

A Educação Física como Meio de Inclusão Social Para Indivíduos com Transtorno Espectro do Autismo

Fabricio Pires Pinto, Bianca Ege, Daisy de Lima

Universidade Santa Cecília (UNISANTA), Santos-SP, Brasil.

E-mail: fabriciopirespinto@gmail.com

Resumo: O transtorno espectro do autismo é uma deficiência intelectual e a educação física escolar pode ser uma ferramenta para incluir pessoas com essa deficiência na sociedade. O trabalho teve por finalidade avaliar 11 crianças com o transtorno espectro do autismo, por meio de um questionário para os pais e professores de educação física, verificando com a tabulação dos dados o nível de inclusão que as aulas de educação física proporcionam a essas crianças, forma demonstrada uma relevante participação dos indivíduos entrevistados nas aulas de educação física, segundos dados coletados percebe-se uma dificuldade de adaptação para o processo de inclusão das pessoas com autismo.

Palavras-chave: autismo; educação física; inclusão.

Physical Education as a Means of Social Inclusion for Individuals with Autism Spectrum Disorder

Summary: Autism spectrum disorder is an intellectual disability and school physical education can be a tool for including people with this disability in society. The purpose of this study was to evaluate 11 children with autism spectrum disorder, through a questionnaire for parents and teachers of physical education, verifying with the tabulation of the data the level of inclusion that physical education classes provide to these children, As a relevant participation of the individuals interviewed in physical education classes was demonstrated, according to the collected data, it is perceived a difficulty in adapting to the inclusion process of people with autism.

Keyword: autism; PE; inclusion.

Introdução

O autismo é um transtorno de desenvolvimento, e embora muitos quadros apresentem o QI baixo, não pode ser classificado como um retardo ou atraso mental. É classificado em graus diferentes de comprometimento, do mais leve ao mais severo. O indivíduo com autismo apresenta sinais nos primeiros meses de vida, não fixando olhares e não respondendo quando chamado. Gauderer [6] afirma que a maioria das crianças com diagnóstico do Transtorno de Espectro Autista tem fisionomia não alterada porém os aspectos sociais são afetados.

O padrão de comportamento e habilidades ocorre mais em meninos, essas crianças apresentavam deficiências sociais graves, falta de empatia, baixa capacidade de fazer amizades, conversação unilateral, intenso foco em assunto de interesse especial e movimentos descoordenados. Asperger [1] as classifica essas crianças como pequenos professores pôr apresentarem uma habilidade de discorrer sobre determinado assunto detalhadamente.

A medicina não encontrou a causa do autismo, sua origem e fatores que desencadeiam essa deficiência intelectual, Sasaki [12] defende a posição de que a sociedade precisa se

adaptar as necessidades da pessoa com deficiência. Entendemos que esse é o ponto de partida para a inclusão, para que possam desenvolver-se nos diferentes aspectos de sua vida.

Segundo Williams e Wright [16] o “aprender a compreender emoções”, no desenvolvimento dos Autistas, entendemos que a Educação Física pode construir momentos, e situações diversas para colaborar com a inclusão destas pessoas na sociedade, facilitando a compreensão do aspecto emotivo, a sociabilidade e características comportamentais. Para a PFDC (2003), integração e inclusão se distinguem, à medida que primeiro a pessoa com deficiência é que tem que se adaptar à sociedade; já no segundo, a sociedade é que deve criar condições para evitar a exclusão. Na inclusão, atual tendência em todo mundo, o esforço é bilateral e essa é a meta que as escolas brasileiras são chamadas a atender. Compreendendo a missão de educador, temos como referencia a Declaração de Salamanca (1990), que é um dos principais documentos mundiais que visam à inclusão social, foi redigido em torno dos anos sessenta e setenta. Inovou ao proporcionar oportunidade única de colocação da educação especial dentro da estrutura de “educação para todos”.

No Brasil, o art. 205 da Const. Brasileira [3] referenda que a educação é o direito de todos e dever do Estado e da família, visando ao pleno desenvolvimento, preparo para a cidadania e qualificação para o trabalho sendo dever do estado e da família e direito de todos. Algumas modalidades proporcionam ambientes que trabalham o desenvolvimento motor como Gallahue e Ozmun [5] classificam trabalhando junto com meio social também, como por exemplo, as lutas e as modalidades aquáticas, esportes coletivos e jogos lúdicos, modalidades que podem ser trabalhadas tanto nas escolas como fora delas.

O autismo é uma deficiência que precisa de tratamento, a base de carinho e cuidados, e ao proporcionar atividades físicas torna possível inserir ao meio social, causando melhoras físicas motoras e psicossociais. O intuito foi avaliar a importância da influência da educação física no meio social, e ampliar a noção dos educadores sobre o assunto em discussão.

Objetivo: Avaliar a importância da educação física escolar para a inclusão de indivíduos com o transtorno do espectro autista em sua vida social.

Materiais e Métodos

Sujeitos: Participaram do estudo onze crianças e adolescentes com a síndrome do transtorno do espectro autista de ambos os sexos e com média de idade doze e dezessete anos.

Crerios de inclusão: Possuir a síndrome do transtorno do espectro autista, estar matriculado no ensino básico e ou praticar alguma modalidade esportiva.

Crerios de exclusão: Caso os pais não autorizem o questionário; não estar matriculado no

ensino básico ou não praticar modalidade esportiva;

Instrumentos: Questionário com perguntas fechadas para os pais e professores podendo assim analisar a influência da educação física na inclusão das crianças e adolescentes com autismo em sua vida social.

Procedimentos: Foi aplicado um questionário para avaliar o nível de inclusão dos indivíduos autistas, se a aula de educação física possui um método de inclusão desses alunos, a relação deles com o ambiente escolar, ressaltando a opinião dos pais e professores sobre o tema.

Foram realizados no período de junho a setembro de 2016, em escolas da região da Baixada Santista, especificamente em Santos, Bertioga e São Vicente. Os próprios integrantes do grupo foram os avaliadores e aplicaram o questionário. O termo de consentimento livre e esclarecido foi feito em duas vias, uma ficando conosco e a outra com os avaliados.

Resultados

Participa das aulas de educação física escola? () sim () não

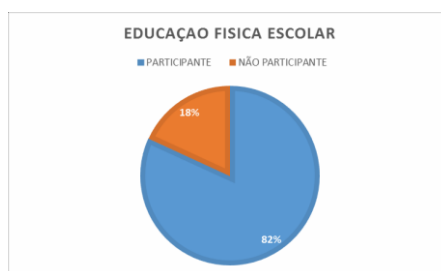


Gráfico 1. No resultado apresentado no gráfico acima, oitenta e dois por cento dos alunos entrevistados participam das aulas de educação física escolar.

Na aula de educação física escola o mesmo tem tratamento diferenciado? () sim () não



Gráfico 2. Maior parte dos avaliados não participa de aulas adaptadas nas aulas de educação física escolar.

Praticante de outras modalidades esportivas? () sim () não

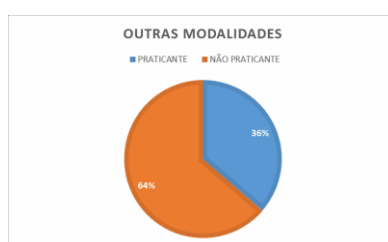


Gráfico 3. O resultado acima demonstra que a sessenta e quatro por cento dos avaliados não praticam outras modalidades além da educação física escolar.

Qual a influência da educação física no meio social? () baixa () mediana () alta () essencial



Gráfico 4. O gráfico acima demonstra predominância mediana na influência da educação física no meio social desses indivíduos.

Discussão

Os resultados demonstram uma participação relevante dos entrevistados nas aulas, porém a uma dificuldade em perceber a importância de adaptação para o processo de inclusão.

Vygotski [15] cita que a inclusão requer uma intervenção psicopedagógica que enfatize a mediação semiótica na relação com o educando com deficiência. Tani [13] comenta que o desenvolvimento motor é dominado por duas abordagens, a orientação ao produto e a orientação ao processo. A orientação ao produto pode ser estendida; na descrição de mudanças no desenvolvimento motor, por ex., ganho de velocidade de corrida, a distância que a bola é arremessada ou descrição mudanças de comportamento ao longo do tempo, o importante, é quando e o que está mudando. O desenvolvimento abrange aperfeiçoamento, aquisição e emergência (habilidades e funções). Ferster [4] discutiu a questão da aprendizagem do comportamento autista, fundamentado nos pressupostos que o comportamento é controlado por suas consequências e, em razão de variáveis históricas e ambientais, o comportamento do autista não é funcional. Kanner [8] em “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” descreve onze crianças com característica de “um isolamento extremo desde o início da vida e um desejo pela mesmice” ele as classifica como autistas. O que dificulta e não restringir a participação nas aulas.

Mesmo com a afirmação de Negrine [10] e Machado [10] que o diagnóstico, gera angústia nos pais, há controvérsia entre os especialistas, os pais devem procurar atendimentos especializados e diversas atividades para estimular estes indivíduos em diversas áreas. Diante de educandos com deficiências devemos possibilitar processos de mediação ainda mais qualificados em relação aos signos mediadores, aos estímulos e aos desafios, os quais permitem o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores (CARNEIRO [2]).

Atividades físicas são primordiais para todo esse desenvolvimento, por exemplo, a natação. É um esporte que atrai portadores do transtorno espectro do autismo, acreditava-se

que era à volta para o útero materno, não comprovado cientificamente. Não consegue explicar essa atração. Porém Lépure [9] diz que “atividades aquáticas ou aprender a nadar é também um processo de aprendizagem de socialização. Daí a necessidade de o portador de deficiência aprender a galgar degrau a degrau, inicialmente, relacionando-se indivíduo-objeto e depois pessoa-pessoa e, por último, o indivíduo interagindo com o grupo.”. Proposta defendida por Faria (1984, cit. in Varela [14] et al., 2000) os benefícios específicos do meio aquático, no desenvolvimento da criança com deficiência ou perturbações do desenvolvimento, no desenvolvimento psicomotor, perceptivo-motor, afetivo e social.

As lutas ou artes marciais ajudam a inclusão de deficientes no meio social, Gomes [7], defini as artes marciais como prática corporal imprevisível, estado de contato, constante troca de ações ofensivas e/ou defensivas, regida por regras, objetivo mútuo sobre um alvo móvel.

Conclusão

Constatou-se que através do estudo a educação física traz benefícios nos aspectos físicos e psicossociais de forma relevante e deveria sempre fazer Parte da reabilitação de indivíduos seja ele com deficiência ou não, porem há uma necessidade de melhorar, proporcionar maior importância para a adaptação de inclusão.

Referências

1. Asperger, H. (1991). Autistic psychopathy in childhood. In U. Frith (Ed.), *Autism and Asperger syndrome* (pp. 37-92). Londres: Cambridge University Press.
2. Carneiro, M. S. C. A deficiência mental como produção social: In: Baptista, C. R. Inclusão e escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 137-152.
3. Constituição Brasileira; Tít. VIII da Ordem Social, Cap. III da Educação, Cultura e Desporto. Seção I Da Educação artigo 205.
4. Ferster, C. B. Reinforcement and punishment in the control of human behavior by social agencies. *Psychiat. Res. Repts.* 10, 1958, 12, 101-118.
5. Gallahue, D. L.; Ozmun, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 2. ed. São Paulo: Phorte Editora Ltda, 2003.
6. Gauderer, E. Christian. Autismo. [S.I]: Atheneu, 1993.
7. Gomes, M.S.P. Proc. pedagógicos para o ensino das lutas. Campinas, 2008.
8. Kanner, Leo. (1943). Autistic Disturbances of Affective Contact. *Nervous Child*, 250.
9. Lepore, M.; Gayle, G. W.; Stevens, S. (1998). *Adapted Aquatic Programming*.
10. Negrine, A. S. Aprendizagem e desenv. Infantil: Simb. e jog. 1. Prodil, 1994; Machado, M. L. S. Autismo infantil e terapia psicomotriz: estudo de casos. 2004.
11. Acesso de pessoas deficientes as classes e escolas comuns do ens. regular. Pág. 15-16.
12. Sasaki, R. K. Inclusão: Construindo uma Sociedade para todos. 3ª ed., 1999, 174p.
13. Tani, G. Comportamento Motor: aprendizagem e desenvolvimento. SP. 2005.
14. Varela, A.; Duarte, A.; Sereno, A.; Dias, A.; Pereira, B. (2000).
15. Vygotski, L. S. Obras Escogidas V: Fund. de defectología. Madrid: Visor, 1997.
16. Williams, C.; Wright, B. Convivendo com o Autismo e Síndrome de Asperger: Estratégias para pais e profissionais. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.